

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**

**RELATÓRIO DE PESQUISA**

Niterói, 16 de abril de 2024.

De MAURA VENTURA CHINELLI  
Para DEPARTAMENTO DE SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO e  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Apresento relatório de minhas atividades de pesquisa durante o período de afastamento para estágio pós-doutoral, de 27 de fevereiro de 2023 a 26 de fevereiro de 2024, sob a supervisão da Profa. Iduína Mont'Alverne Braun Chaves, a fim de obter documento comprobatório de sua conclusão.

Atenciosamente,



Maura Ventura Chinelli  
SIAPE 1181463

RELATÓRIO DE PESQUISA

CIÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: CULTURA E SIMBOLISMOS

1. INTRODUÇÃO

*Ainsi, la mission de la science est encore plus grandiose qu'on ne pouvait le penser au XVII<sup>e</sup> siècle. Descartes disait que la science pourrait aider l'homme à devenir "comme maître et possesseur de la nature". Cette idée de posséder de la nature est erronée. Plus nous voulons la posséder comme un objet, plus nous risquons de nous détruire parce que nous la dégradons. Nous devons être les copilotes de la planète Terre (Morin, 2006).*

No campo da Educação Científica, há muitos anos se debate a não conformidade das práticas escolares com as necessidades educativas contemporâneas. E isso ocorre a despeito de ser possível observar uma produção científica consistente na área, que coloca à disposição dos professores estratégias, recursos didáticos e relatos de experiências que são, em grande medida, inovadores, indicando empenho em superar problemas persistentes.

Mas os resultados ainda não se aproximam do que seria esperado. São frequentes os testemunhos de que os jovens não se interessam pela ciência que está no currículo e que suas aprendizagens resultam incompletas e frágeis nos componentes curriculares do campo, sobretudo na Química e na Física. É importante investigar as razões para que esses fatos ocorram.

Na pesquisa que desenvolvo interessa-me identificar as aproximações e/ou distanciamentos de professores em relação à concepção de Ciência no paradigma que temos tratado como "pós-moderno". Em pesquisa anterior (Chinelli, 2008), identifiquei que a Ciência Moderna, a qual interpreta o Homem como observador e explorador do meio natural, mantém-se presente nas práticas educativas, em conflito com o que hoje

se discute acerca da **necessidade de compreender as relações entre indivíduos, sociedades e ambientes** (Imagem 1). Para que sejam superados os equívocos e os limites da Modernidade, é indispensável “*situar o Homem no mundo que ele mesmo descreve*” (Prigogine; Stengers, 1991) – é preciso admitirmos nosso pertencimento e nossas responsabilidades.

**Imagem 1: Rigidez e incompreensão**  
(Tomasz Alen Kopera, 2011)



Fonte: <https://www.arteclat.com/product/11h/>

A partir dessa constatação, tenho por hipótese que essa crise epistemológica, concreta nas escolas, é em grande parte responsável pelos insucessos da educação em Ciências. As inseguranças surgidas nesse momento de ruptura paradigmática podem ser motivos pelos quais os currículos se mostrem incoerentes para os professores e pouco significativos para os estudantes.

Nesta nova etapa de minha reflexão acadêmica, pretendo (re)conhecer as concepções de Ciência que se manifestam nos cotidianos das escolas. Identificar, nos imaginários de professores, “*obstáculos epistemológicos*” (Bachelard, 1996) à aproximação com um conhecimento científico que faça sentido para a vida, assim como as aberturas que os imaginários oferecem para que encontremos uma outra pedagogia possível, uma pedagogia que, acessando o sensível, rompa com o privilégio pedagógico dado à percepção e ao conceito, em detrimento da imaginação (Teixeira, 2006).

**O Estudo do Imaginário é, para mim, desafiador** (Imagem 2). Minha formação inicial foi como Química. Sendo Licenciada e Bacharel, meu percurso profissional se desenvolveu na Educação Química – no Ensino Médio e na Educação Profissional Técnica de Nível Médio, até chegar à docência na Universidade. Estudei, a nível de Pós-Graduação, a formação de professores e o ensino de Ciências.

As concepções teóricas em que me fundamentei, nesta trajetória, levam em conta a complexidade do mundo natural, de que trata Morin (2005, 2003), bem como estudos de pensadores e pesquisadores que se interessaram por discutir as relações entre Ciência e Sociedade (Santos, 2004a, 2004b; Bachelard, 1996, 1991; Prigogine;

Stengers, 1991, entre outros). Foram contribuições importantes para minha trajetória como pesquisadora, como professora e como formadora de professores. Mas preciso reconhecer que não são adequadas, ou suficientes, como base teórica que fundamente minha nova pesquisa, de modo que abracei, nesse ano de estágio pós-doutoral, a formação acerca do Imaginário em Educação e à “Pós-Modernidade”, em pesquisa teórica necessária à superação do desafio a que me propus.

**Imagem 2:** Atleta de parkour salta sobre um obstáculo em Viena.  
(Alamy.com - Art Stock Photos & Images, s.d.)



Fonte: <https://www.britannica.com/sports/parkour>

Estando assim justificado o estudo teórico com o qual tenho fundamentado minhas reflexões acadêmicas nesse campo tão inovador, passo a relatar os resultados obtidos com minha participação no Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Imaginário, Memória, Narrativa e Educação (PPG Educação/UFF), liderado pela Profa. Iduína Mont'Alverne Braun Chaves.

Nesse Grupo de Pesquisa nos reunimos semanalmente e compartilhamos nossas leituras acerca do Imaginário no contexto da pós-modernidade, notadamente a partir da obra do antropólogo, filósofo, epistemólogo e sociólogo Edgar Morin (2020a, 2020b, 2012, 2011a, 2005a), da filosofia de Gaston Bachelard (2018, 2001, 1978), da sociologia de Michel Maffesolli (2014, 2011, 2009, 2007, 2003, 2001) e da antropologia de Gilbert Durand (1993), com contribuições do mitologista Joseph Campbell (1990) e de outros estudiosos do Imaginário (Araújo; Baptista, 2003; Wunenburger, 2007). Acrescento, tenho estudado de modo independente outros pensadores, que, dos pontos de vista de suas áreas de conhecimento, sobretudo a das Ciências Naturais, têm feito a crítica da Modernidade e debatido as mudanças que vêm se operando na Ciência e no ensino de Ciências nos últimos anos, frente às disputas em curso para a instalação de um novo paradigma, ainda sem nome, como bem pontua Maffesoli.

No texto a seguir procuro destacar os aspectos mais significativos desse estudo, no sentido de que reverberaram em mim intenções, preocupações e expectativas de uma sociedade que se entenda como partícipe da construção de solidariedades nas relações humanas e de cuidados com o planeta Terra, nossa casa comum.

O acesso ao conhecimento científico como ferramenta para a compreensão e o debate acerca do que podemos conceituar como “uma nova natureza” é um

imperativo ético da contemporaneidade. Estamos todos, indiscriminadamente, sujeitos aos riscos do avanço científico e tecnológico, enquanto os benefícios são acessados de modo restrito e arbitrário.

Compreendo, com Morin (2020, p. 127), que

[...] quando se elimina do racionalismo o que ele possui de não racional (ou seja, o humanismo), quando se remove o que ele contém de verdadeiramente racional (o fermento crítico), nada mais resta senão a ideia de ordem pura e de tudo o que ela implica de rigidez, de intolerância, de incompreensão.

Esclareço que entendo apenas como um começo, a pesquisa teórica que desenvolvi. Foi uma fase de desconstrução e construções, de aprofundamento em um campo do conhecimento que se propõe à *“superação/reorientação da problemática epistêmica”*. Campo esse em que são fundamentais os projetos de unidade da Ciência, tendo como *“meta a sutura epistemológica entre a Natureza e Cultura”* (Morin, 2011b, p. 9). De modo que manifesto minha disposição em avançar, sem interrupções, para a pesquisa empírica com que pretendo obter respostas para as grandes questões que me movimentam: Qual concepção de ciência está presente no imaginário de professores da Educação Básica? Que aberturas podem ser identificadas para a assunção ou o fortalecimento de uma prática docente sensível e formadora de sensibilidades, especialmente no ensino de Ciências?

O texto contempla aspectos identificados como prosaicos, porque dizem respeito ao resultado prático, material, objetivo, pragmático de minhas leituras, mas também procura dar vazão àquilo que o lido reverberou em mim, o que coloco em imagens, em um movimento com que procuro valorizar o poético e o simbólico a fim de expressar o que vai no meu imaginário, enquanto leitora.

De modo que, enquanto relato do estudo a que me dediquei durante o último ano, ele está dividido em três partes. A primeira traz a contribuição de Edgar Morin para a conformação do paradigma emergente, ao qual ele denomina de *“Paradigma da Complexidade”*. A segunda, diz respeito à minha interpretação do Imaginário como um campo de produção de conhecimentos afinado com a Complexidade, campo esse que começou a se delinear com Gaston Bachelard e que conquistou uma teoria e métodos próprios com Gilbert Durant. Na terceira parte, breves comentários acerca do contexto em que esses pensamentos se instalam são apresentados a partir de como Michel Maffesoli trata a contemporaneidade, uma época ainda sem nome, à qual, por enquanto, chamamos de *“pós-modernidade”*.

## 2. SUPERAÇÃO DA RUPTURA EPISTEMOLÓGICA ENTRE NATUREZA E CULTURA: a contribuição de Edgar Morin.

*O novo curso científico, há um século, faz explodirem a estrutura e os esquemas de uma estreita racionalidade. Observa-se a irrupção da desordem (acaso, álea) nas ciências físicas (termodinâmica, microfísica, teoria do universo); a irrupção de aporias (ou antinomias lógicas) no âmago do conhecimento micro-físico e do conhecimento antro-po-sociológico (como o homem pode ser seu próprio objeto, como encontrar um ponto de vista universal quando se é parte de uma sociedade particular?); e a correlativa irrupção do problema do sujeito-observador-conceitualizador nas ciências físicas e humanas. (Paula Carvalho, 1987, p. 52-53)*

A Natureza da Ciência cada vez mais tem sido objeto de atenção, tanto nas ciências físicas, quanto nas ciências humanas, visto que o pensamento contemporâneo acerca do tema leva à aproximação entre esses campos do saber. Estamos vivendo a ascensão de um novo *paradigma*, denominação dada por Thomas Kuhn (1998), com base na filosofia platônica, a toda constelação de crenças, valores e técnicas partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada, constituindo-se, para este grupo, no referencial sob o qual ele observa e interpreta o mundo.

A insatisfação com os modelos até então aceitos para explicar a realidade, isto é, a insuficiência do conjunto de conceitos e técnicas usados, em um dado contexto, para dar solução às questões que lhe são afeitas, resulta em que o paradigma vigente entre em crise. Esta situação compromete a homogeneidade da comunidade científica, dando lugar a um debate que culminará com o estabelecimento de um novo paradigma.

O paradigma clássico, dominante até o séc. XX, se constituiu a partir da revolução científica do séc. XVI e foi desenvolvido no domínio das Ciências Naturais. A ciência nele conformada – ciência positivista – pressupõe a separação total entre a natureza e o ser humano. Esta natureza inumana é passiva, eterna e reversível, proporcionando que o trabalho científico consista na busca sistemática de regularidades observáveis, que serão enunciadas na forma de leis.

Na perspectiva clássica, a produção de conhecimento caracteriza-se pela especialização e pela separação das disciplinas, como também por uma busca de autonomia no trabalho científico que pretende isolar toda influência do pesquisador sobre os saberes por ele conformados. Isto pressupõe a despreocupação com a significação geral da pesquisa e a alienação das questões culturais, econômicas e sociais do contexto no qual o trabalho científico é realizado.

Os princípios clássicos postulam que a aparente complexidade dos fenômenos pode explicar-se a partir de princípios simples, isto é, para conhecer é preciso dividir e classificar para, depois, determinar relações sistemáticas entre as partes. São princípios satisfatórios, justamente porque reduzem a complexidade do mundo a enunciados simples; porque dizem respeito a regras naturais às quais os fenômenos

estão disciplinados. O objetivo da ciência positivista é, portanto, decodificar a natureza e prever o comportamento futuro dos fenômenos naturais, a fim de dominá-los e controlá-los.

No entanto, **a simplificação da natureza, que, a princípio, teria o propósito de estudá-la e compreendê-la, há muito vem sendo usada também para explorá-la** (Imagem 3), o que tem por consequências profundas transformações da natureza ocorrendo em razão de atividades humanas e do próprio avanço científico, degradação essa que ocorre em benefício de poucos, sendo as condições materiais da sociedade (planetária), profundamente desiguais.

**Imagem 3:** Imagem de uma mina de Lítio.  
(EXPANSION, Financial Times, 2023)



Fonte: <https://www.saudemais.tv/noticia/4940-grupo-de-cidadaos-insiste-na-contestacao-as-minas-de-litio-no-interior>

Uma das contribuições mais expressivas para este debate é nos dada pelo antropólogo, sociólogo e filósofo Edgar Morin, que, segundo seu próprio relato, “*entre 1958 e 1968 já havia enunciado a maior parte de suas ideias neste campo*” – à época, consideradas impertinentes, mas atualmente admitidas por muitos cientistas (Morin, 2003, p. 7).

Morin tem dedicado muito de sua extensa obra a anunciar e descrever a chegada de um novo paradigma, a que ele chama de *paradigma da complexidade*. De acordo com o pensador francês, mesmo quando tinha por objetivo único revelar as leis simples que governam o universo e a matéria de que ele é feito, a ciência apresentava constituição complexa. Não só porque se desenvolveu no conflito de ideias e teorias como também porque é inseparável de seu contexto histórico e social. Por isso o conhecimento científico não deve se isolar de suas condições de elaboração, sendo necessário que toda ciência se interrogue sobre suas estruturas ideológicas e suas raízes socioculturais.

Embora reconheça que a ciência moderna só pôde se desenvolver livrando-se de todo julgamento de valor e obedecendo a uma única ética, a ética do conhecimento, Morin (2003) afirma a necessidade de que a ciência passe a pensar sua

própria ambivalência e sua própria aventura, aproximando-se da reflexão filosófica. Para ele os múltiplos poderes atribuídos às tecnociências contemporâneas exigem a formação de uma consciência moral - seja do cientista, seja do cidadão - visando ao controle ético e político da atividade científica.

O novo paradigma deverá superar o paradigma clássico. Morin propõe que seja **um paradigma que permita distinguir, separar e opor, conferindo identidade aos domínios científicos, mas que possa fazê-los comunicarem-se entre si sem reduzi-los uns aos outros** (Imagem 4); um paradigma que tenha a marca da reflexão e da interdisciplinaridade, que reconheça o caráter social, cultural e histórico da construção do conhecimento.

**Imagem 4.** *Janus*, deus romano dos começos e das transições (autoria desconhecida, s.d.).



Fonte: <https://www.istockphoto.com/br/foto/s%C3%A3o-petersburgo-a-r%C3%BAssia-menina-no-jardim-de-ver%C3%A3o-gm508252148-85153221>

Diz Morin (2003, p.30-31):

De toda parte surge a necessidade de um princípio de explicação mais rico do que o princípio de simplificação (separação/redução) /.../ Hoje, há que insistir fortemente na utilidade de um conhecimento que possa servir à reflexão, meditação, discussão, incorporação por todos, cada um no seu saber, na sua experiência, na sua vida... [...] Trata-se, doravante, de procurar a comunicação entre a esfera dos objetos e dos sujeitos que concebem esses objetos. Trata-se de estabelecer a relação entre ciências naturais e ciências humanas, sem as reduzir umas às outras.

Na perspectiva que apresenta, Morin nos diz que a ciência faz parte da cultura. É a partir do contexto cultural que os homens tentam encontrar a coerência intelectual que alimenta, em cada época, a interpretação das teorias científicas; que determina seu impacto sobre a sociedade, influencia as concepções que os cientistas fazem dos produtos de suas investigações e mesmo dos métodos sob os quais as realizam.

A Antropologia da Complexidade de Morin, compreendida como uma bio-antropo-sociologia, alega uma vinculação estreita e interdependente entre ambientes naturais e ambientes sociais. Essa visão de mundo leva Morin a assumir uma militância intelectual no sentido da superação do paradigma clássico da simplificação e disjunção, representado pela Ciência Moderna, o qual, para ele, está na base da crise mundial contemporânea, evidenciada por graves problemas sociais e ambientais.

Para Morin (2005a), as noções de sociedade, indivíduo e espécie não devem ser desarticuladas, sob o risco de que esses aspectos que marcam a presença do Homem na Terra sejam parcialmente compreendidos, confundidos ou mesmo ignorados, o que não contribui para a superação das dificuldades que, em um mundo como o nosso, absolutamente sem fronteiras, afetará indiscriminadamente a todos. Nas teses morinianas o ambiente é tido como um sistema aberto, como ecossistema, que viabiliza e inclui a natureza ao mesmo tempo em que é construído e modificado pela dinâmica das sociedades, pelas culturas.

Morin é um pensador contemporâneo, mantém-se alerta e participativo enquanto escrevo esse texto, contribuindo para o fortalecimento da tese da Complexidade. A relevância que, para Morin, justifica sua tese, está no reconhecimento de que, para interpretar o conjunto dos fenômenos que nos afetam, é preciso abrir possibilidades para que os seres humanos sejam considerados não exatamente como produtores, mas como criadores do conhecimento produzido.

Afinado com outros pensadores do nosso tempo, ele nos convida a uma “racionalidade aberta”, uma abordagem sensível e complexa do próprio processo investigativo (MORIN, 2020a). Para ele **a razão deve deixar de ser mecanicista para se tornar viva. E como acontece com tudo que é vivo, ela precisa sempre ser recomeçada, precisa ser autorreorganizadora** (Imagem 5). Ela “requer permanentemente a complexidade” (p. 140).

**Imagem 5.** Cajueiro de Pirangi/Natal-RN. A nossa “baniana”<sup>1</sup>.  
(Autoria desconhecida, s.d.)



Fonte: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/12/20/maior-cajueiro-do-mundo-no-rn-comemora-133-anos-com-programacao-cultural-e-entrada-gratuita.ghtml>

<sup>1</sup> Morin usou como imagem para descrever a dinâmica do pensamento complexo a figueira baniana, da Ásia Tropical, cujos ramos e galhos, quando tocam o solo, produzem novos troncos inseparáveis do primeiro.

Entre as muitas áreas que compreendem as Humanidades, as quais, a custo de esforço considerável, vêm adquirindo, desde aproximadamente a metade do Séc. XX, *status* científico, me proponho, em minha reflexão, a destacar os estudos do Imaginário. Não é tarefa simples (para mim). **Sendo, originalmente, química, o lugar de onde falo é lugar semelhante ao do colonizador que participa, ele mesmo, da luta decolonial em prol de uma outra epistemologia, não dominante** (Imagem 6). Meu olhar poderá ser parcial e, muito provavelmente, desconfiado. Estar consciente disso aumenta minha admiração por Bachelard.

**Imagem 6.** *América Invertida*, obra frequentemente usada como símbolo decolonial.  
(Joaquín Torres García, 1943)



Fonte: <https://tienda.torresgarcia.org.uy/shop/product/postal-america-invertida-1943-198?category=22>

### 3. O IMAGINÁRIO COMO CAMPO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS

*Para criar sentido, entretanto, ele [o Homem] põe em atividade uma função da mente que é a imaginação.*

*A razão, outra função da mente, permite sem dúvida analisar os fatos, compreender a relação existente entre eles, mas não cria significado. Para que a criação ocorra é necessário imaginar. É o que fazem, na sociedade ocidental, os filósofos, os cientistas sociais, os estudiosos das religiões, os políticos, os arquitetos, os físicos, os matemáticos... e o homem da rua no seu cotidiano. Todas as culturas criam filosofias, teorias, religiões, obras de arte... Recriam, a cada instante, o universo. (Rocha-Pitta, 2017, p. 17)*

#### 3.1 AS FILOSOFIAS DIURNA E NOTURNA, O ANIMUS E A ANIMA, O RACIONAL E O POÉTICO: a contribuição de Gaston Bachelard para o campo do Imaginário

Nascido ao final do Séc. XIX, Bachelard (1884-1962), tendo sido, no início de sua vida adulta, professor de Química e de Física, tornou-se um dos mais importantes filósofos do Séc. XX, adquirindo notoriedade em razão de sua inovadora filosofia da ciência. Obras como *O novo espírito científico* (1934), *A formação do espírito científico* (1938) e *A filosofia do não* (1940), figuram entre as mais influentes entre estudiosos da Natureza da Ciência e da Educação Científica, trazendo ao debate concepções não-cartesianas de Ciência, no contexto das grandes revoluções científicas da época - a Relatividade, de Albert Einstein (1879-1955), a mais expressiva e reconhecida como revolucionária, ainda hoje.

Em *A formação do espírito científico* Bachelard já se ocupa da poesia, mas ainda a considera como um obstáculo, um risco à objetividade da Ciência. Por pouco tempo. Não demorou para que Bachelard assumisse o imaginário poético em sua filosofia, interpretando-o como uma forma própria de apreensão e recriação da realidade. Suas reflexões, oscilando entre ciência e poesia, entre razão e devaneio, possibilitaram a Bachelard propor, em lugar das clássicas formulações dos empiristas modernos, uma interpretação do fazer científico que o trata como uma atividade criativa que, aliada à experiência – ou mesmo em substituição a essa, com a construção de modelos – resulta na formulação de conceitos mais abertos, ampliados, dedutíveis. Bachelard evidenciou a necessidade de uma nova razão, uma razão criativa, embora sem deixar de chamar a atenção para a necessidade de extrair da racionalidade um valor de aplicação:

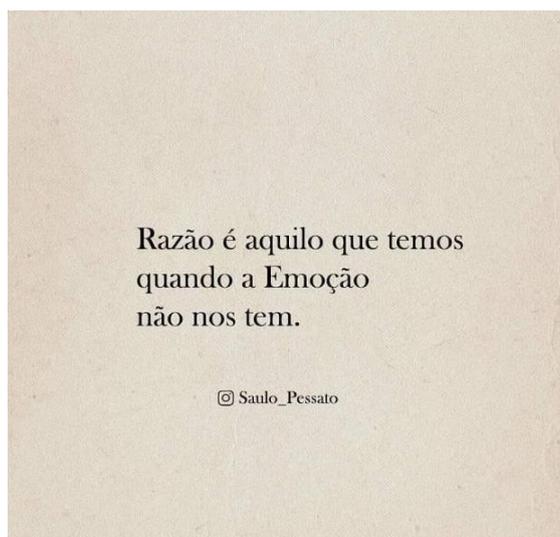
*Aqui, mostrar o real não é suficiente, é preciso demonstrá-lo. E, reciprocamente, as demonstrações puramente formais devem ser sancionadas por uma realização precisa. Nas ciências físicas, organização racional e experiência estão em constante cooperação (Pessanha, 1978, p. xii).*

A ciência contemporânea rejeita o modo de conhecer próprio da Modernidade - percepção imediata e raciocínio indutivo -, renunciando a se fazer reflexo da realidade. Desde aproximadamente a metade do Séc. XX compreendemos, com a

contribuição de Bachelard, que hipóteses guiam as experiências; as experiências serão interpretadas; e as conclusões serão deduzidas da experiência. Nas palavras de Nagel (1993, p. 121, *apud* Paiva, 2005, p. 17), até mesmo “como Albert Einstein observou, repetidamente, as hipóteses que constituem as modernas teorias científicas são livres criações da mente, cuja invenção e elaboração requerem dotes imaginativos análogos aos que permite a imaginação artística”. Bachelard interpreta esse movimento como ato de construção e retificação do objeto; é uma razão criadora, intrinsecamente ligada à capacidade humana de imaginar.

A importância que Bachelard dá à imaginação, em suas reflexões filosóficas, fazem despertar seu interesse por outro objeto, a poética, a um primeiro olhar muito distante da epistemologia, sua atenção primeira. Mas Bachelard estava direcionado a compreender o desenvolvimento psicológico e histórico da racionalidade objetiva, de modo que sua inclinação para as pesquisas sobre os processos da imaginação criadora foi quase concomitante ao seu trabalho com as ciências físicas. Em sua filosofia, **a imaginação é grande parte do que nos define como humanidade** (Imagem 7), e, para ele, fonte propulsora das ações de nossa espécie no mundo. A filosofia de Bachelard vem resgatar o papel das emoções na constituição do Homem, valor esquecido no decurso da Modernidade.

**Imagem 7.** Fragmento de poesia de Saulo Pessato<sup>2</sup>.



Fonte: [https://www.instagram.com/saulo\\_pessato/](https://www.instagram.com/saulo_pessato/)

A obra de Bachelard acerca do imaginário, de suas formas de expressão e de como o percebemos e podemos interpretar, é vasta, numerosa, e tem guiado muitos estudos no campo das artes, sobretudo a literatura, em especial a poesia. Livros como *A Psicanálise do Fogo* (1937), *A Água e os Sonhos* (1942), *O Ar e os Sonhos* (1943), *A Terra e os Desvaneios da Vontade* (1948), *A Poética do Espaço* (1957) e *A Poética do Desvanecimento* (1961) são obras muito acessadas, tomadas como referência em muitos campos das Ciências Humanas.

Nas palavras de Rocha-Pitta (2017, p. 42),

a contribuição bachelardiana ao estudo das atividades da imaginação e, sobretudo, da “vida das imagens” marcou, há [mais que] meio século, as

---

<sup>2</sup> Pessato, Saulo. *Poesia Reclamada*: No Jardim Das Borboletas. São Paulo: Catarse, 2016

pesquisas literárias, psicológicas e filosóficas e foi reconhecida, confirmada, aprofundada ou renovada por um grande número de leitores, de artistas ou de teóricos.

Uma de suas maiores contribuições se deu em razão da intenção de captar a imagem poética no nascedouro, no momento mesmo em que, originada em sentimentos profundos, se explicita, sem a intermediação da consciência<sup>3</sup>. E talvez se possa pensar que ele poderia ter recorrido à teoria psicanalítica, já disponível à época, mas o filósofo não reconhece na psicanálise freudiana a capacidade de compreender a autonomia do simbolismo presente nas imagens literárias: um outro método seria necessário. A solução foi encontrada na fenomenologia, uma metodologia que ele identificou como capaz de transcender os impulsos objetivistas a fim da compreensão das imagens:

A fenomenologia da imaginação não pode se contentar com uma redução que transforma as imagens em meios subalternos de expressão: a fenomenologia da imaginação exige que vivamos diretamente as imagens, que as consideremos como acontecimentos súbitos da vida. Quando a imagem é nova, o mundo é novo (Bachelard, 1978, p. 7).

Bachelard vai se construindo, assim, como um dos intelectuais mais brilhantes do último século. Ele não só foi um dos primeiros a afirmar que Ciência se produz a partir de atributos rigorosamente humanos, sendo um dos principais nomes a discutir a Revolução Científica que teve início no século passado, como foi capaz de lançar a ideia de “uma outra ciência”, até então não reconhecida como tal. Ele teve a ousadia de, interessado em discutir e organizar a apreensão da imaginação criadora, propor para esse estudo um método investigativo e critérios interpretativos próprios, adequados ao seu objeto.

É muito interessante reconhecer em Bachelard seus conhecimentos da Física e da Química. Seu vocabulário, suas analogias, seus exemplos, suas argumentações, mesmo sem suscitar qualquer risco de que se viesse a pensar na submissão da poética à ciência, em muitos momentos aludem a fenômenos físicos e a transformações materiais. Esse passado de Bachelard certamente foi muito importante para sua obra, embora não propriamente porque aqueles conhecimentos pudessem ser o fundamento de sua nova reflexão filosófica, mas porque não há como dizer que Bachelard tenha excluído de si esse passado. De modo que, ao se debruçar sobre a Natureza da Ciência, sobre o modo como produzimos conhecimento e o validamos, ao refletir tão profundamente e comunicar tão claramente sua epistemologia, Bachelard guardou em si a experiência que permitiu a ele identificar modos de produzir conhecimento em um campo ainda não considerado, em uma disciplina ainda não reconhecida: os Estudos do Imaginário.

E mesmo que ainda pareça preso à concepção de que seria necessário propor uma abordagem objetiva da imaginação, ao buscar na tese alquímica dos quatro elementos – água, ar, terra, fogo – inspiração para seu esforço interpretativo,

---

<sup>3</sup> Entendo que esteja aqui o significado da palavra sublimação, muitas vezes citada em sua obra: como nos fenômenos naturais em que substâncias modificam seu estado de agregação transformando-se de sólido em vapor sem que passem pela fase líquida, o que poderia ser uma etapa a superar, no nascimento da imagem poética o símbolo não precisa do crivo da consciência, o sentimento se transforma em imagem sem que seja preciso se tornar consciente.

Bachelard chega à compreensão de que razão e imaginação são caminhos fundamentais e indispensáveis para a compreensão do *humano*. Essas duas vias formam o espírito e a consciência no Homem, resultando em que seus analistas tenham dividido sua obra em duas vertentes, relativas às duas correntes de pensamento que marcam sua obra: o diurno (conhecimento objetivo, disponível, explícito – a ciência, em sua natureza e história) e o noturno (conhecimento subjetivo, submerso, não evidente - a imaginação poética, os devaneios e os sonhos).

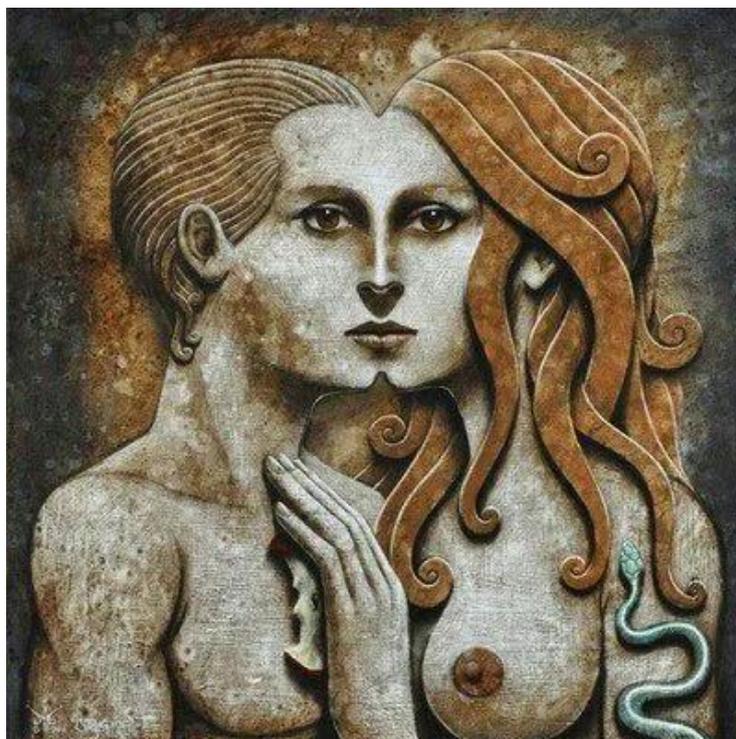
De fato, essa mesma divisão já havia sido identificada pelo próprio filósofo, ao tratar dos *devaneios* – conceito que ele opõe ao de *sonho*. Bachelard trata os sonhos como situações incontrolláveis; remetem a memórias e desejos, são-nos dados: o sonho noturno “*sempre anseia por contar-nos uma história*” (Bachelard, 1988, p. 100). Diferente disso, diz Bachelard,

o devaneio do dia beneficia-se de uma tranquilidade lúcida. Ainda que se tinja de melancolia, é uma melancolia repousante, uma melancolia ligante que dá continuidade ao nosso repouso. [...] Assim, o devaneio não é um vazio do espírito. É, antes, o dom de uma hora que conhece a plenitude da alma. (1988, p. 60).

Para nos conhecermos duplamente como ente real e como ente idealizante, cumpre-nos *escutar* os nossos devaneios. (1988, p. 54).

Bachelard afirma que **no devaneio solitário nós conhecemos ao mesmo tempo nossas faces masculina e feminina** (Imagem 8), trazendo, para essa afirmação, a psicanálise de Carl Jung (1875-1961), a qual, diz ele, é de todas as escolas da psicanálise contemporânea a que mais claramente demonstrou ser o psiquismo humano, na sua primitividade, andrógino.

**Imagem 8:** *Animus e Anima*  
(Autoria não identificada, s.d.)



Fonte: <https://dftbar.wordpress.com/2018/04/28/o-animus/?noamp=mobile>

Fundamentado em Jung, Bachelard vai acrescentar que

A dialética do masculino e do feminino se desenvolve num ritmo da profundidade. Vai do menos profundo, sempre menos profundo (o masculino), ao sempre profundo, sempre mais profundo (o feminino). E é no devaneio [...] que vamos encontrar o feminino desdobrado em toda a sua amplitude, repousando na sua simples tranquilidade. Depois, como é necessário renascer para o dia, o relógio do ser íntimo soa no masculino — no masculino para todo mundo, homem e mulher (1988, p.57).

E prossegue, trazendo de Jung dois substantivos latinos - *animus* e *anima* – para ponderar acerca da dualidade do Homem, que ele se empenha em conhecer:

E eis-nos no centro da tese que queremos defender no presente ensaio: *o devaneio está sob o signo da anima*. Quando o devaneio é realmente profundo, o ente que vem sonhar em nós é a nossa *anima*.

[...]

ao *animus* pertencem os projetos e as preocupações (Bachelard, 1988, p. 59-60).

Surge, então, para ele, um novo e difícil problema filosófico, que é o de colocar ou manter em cada um desses dois aspectos do ser, aparentemente antagônicos, a harmonia de seu duplo gênero, levando-o a formular a tese de que é preciso unir a poética do devaneio ao prosaísmo da vida.

Com isso, abrem-se novas possibilidades para observarmos o mundo em sua inteireza: **Bachelard está nos encaminhando para algo até então desconhecido** (Imagem 9), quando identifica as afinidades existentes entre conceito e imagem e defende que há lugar tanto para a imaginação como para a consciência na apreensão do mundo.

**Imagem 9:** A *Porta do Céu*, Montanha Tianmen, China.



Fonte: [https://www.facebook.com/photo.php?fbid=811407327450262&id=100057430069148&set=a.260520899205577&locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/photo.php?fbid=811407327450262&id=100057430069148&set=a.260520899205577&locale=pt_BR)

### 3.2 UMA ANTROPOLOGIA GERAL PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE UMA CIÊNCIA DO IMAGINÁRIO: o legado de Gilbert Durand

Os muitos conflitos em curso no mundo - alguns distantes, minimizados, esquecidos, em geral compreendidos à luz de critérios e conceitos da razão hegemônica (e dos detentores de toda hegemonia: científica, cultural, econômica), mostram o quanto estamos longe de que se encontrem soluções com as ferramentas intelectuais e de organização social que o pensamento Moderno nos disponibiliza. A Modernidade é prática, ascética, pretende a eficiência e a isenção.

No entanto, não é difícil inferir que, **diante dos conflitos por território, por recursos naturais, por imposição de culturas, especialmente no que diz respeito às religiões, mas não apenas, o ordenamento moderno não tem se mostrado eficiente** (Imagem 10). Como não tem sido eficiente no controle das condições ambientais necessárias à vida com qualidade, ou nas garantias de segurança alimentar, de equidade e de bem-estar social.

**Imagem 10.** Palestinos se defendem de ataques do exército israelense.  
Foto de Ibraheem Abu Mustafa/Reuter, 2021



Fonte: <https://agenciasindical.com.br/forca-ugt-e-csb-repudiam-violencia-na-faixa-de-gaza/>

A Modernidade abandonou o Homem. E mesmo as Ciências Humanas e Sociais, que a custo conquistaram respeitabilidade, por muito tempo se guiaram pelos métodos de coleta e interpretação de resultados que são típicos das bem-sucedidas Ciências da Natureza, às quais, sem dúvida, devemos muito do desenvolvimento de que podemos desfrutar hoje.

Ultrapassada essa fase, as Ciências Humanas já olham para si, buscam seus próprios caminhos, mas ainda não basta. Os modos de vida contemporâneos, detalhadamente interpretados por Michel Maffesoli (2001, 2003, 2007, 2009, 2011, 2014) evidenciam que estudos baseados na *observação sensível* dos fatos seriam muito mais adequados à obtenção do conhecimento de um objeto tão complexo quanto o ser humano. Maffesoli vai falar sobre importância dos Estudos do Imaginário.

Mas o que vem a ser o imaginário? A filosofia de Bachelard, intencionada a compreender aquilo que está “além do real”, o faz tomando os sonhos, os devaneios e

a poesia como manifestações dotadas de significados, o que coloca o imaginário, em suas interpretações, na esfera das individualidades. No entanto, como disse H. Godinho (em Rocha-Pitta, 2017, p. 79),

Durante o fim do século XIX e a primeira metade do XX, o desenvolvimento das ciências humanas colocou à disposição dos pesquisadores importantes materiais em relação ao imaginário.

A antropologia, a sociologia, a psicanálise, assim como o interesse pelos estudos de literatura tradicional, tinham constituído um reservatório de elementos e de textos que faziam aparecer de maneira cada vez mais clara uma coerência da imaginação humana que chamava por uma classificação desses elementos, de forma a estudar sua ordem, o processo fundamental para estabelecer sua significação.

Evidenciou-se assim um movimento que partia do reconhecimento de que o imaginário também encontra expressão em sociedade, o que demandou o estudo das produções imagéticas, de suas propriedades e seus efeitos, sobretudo de modo a diferenciar-se do que vem a ser “imaginação”, compreendida, então, como a faculdade psicológica de engendrar e de utilizar imagens.

Considerando esse contexto, diz Wunemburger (2007, p. 27):

Em virtude da pluralidade de seus aspectos e de seus conteúdos, o imaginário tornou-se o objeto de métodos de identificação e de descrição de seus conteúdos inevitavelmente díspares. [...] Algumas obras começaram a destacar um ponto de vista sintético no quadro de uma antropologia geral (como a de Gilbert Durand), mas o domínio permanece amplamente aberto e inacabado. Pode-se, contudo, tentar extrair algumas vias de abordagem e resultados convergentes, que permitem afirmar que o imaginário (de uma obra, de um criador, de um povo, de uma época), longe de ser um conjunto anárquico, caótico, feito de associações heteróclitas de imagens, obedece a estruturas e conhece uma história marcada por um jogo sutil de constantes e de variações no tempo.

[...]

Nem todos os imaginários estão vinculados com os mesmos suportes; eles comportam dimensões linguísticas (narrativas míticas, imagens poéticas), bem como expressões visuais (ícones religiosos, alegorias políticas, mapas geográficos, clichês etc.), compondo uma espécie de textura verbo-icônica cujas propriedades não se deixam facilmente sintetizar em virtude da heterogeneidade dos dois registros.

Mostra-se, portanto, necessário, um método que de fato supere a abordagem objetiva de que Bachelard procurou se afastar, o que veio a ser atendido com o trabalho do antropólogo e filósofo francês Gilbert Durand (1921-2012).

Discípulo de Bachelard, Durand se dedicou a estudar o Imaginário, no que teve forte influência, também, do psicanalista suíço Carl Jung. Influenciado por Jung, Durand aborda o inconsciente coletivo estruturado pelos *arquétipos* - conceito da psicologia utilizado para representar padrões de comportamento associados a um personagem ou papel social. Os arquétipos se expressam em imagens simbólicas coletivas, sendo o símbolo, portanto, uma maneira de expressar o imaginário.

Note-se que Durand trata dos símbolos considerando que decorrem de uma visão de mundo específica, imaginária, e que, **estando os indivíduos imersos em seus ambientes sociais, o processo de formação das imagens é o mesmo, quer se trate de um único membro de uma dada coletividade, quer se trate de uma cultura** (Imagem 11).

**Imagem 11.** Pintura corporal de uma Catrina mexicana  
(Victor Pichardo/EL UNIVERSAL, 2017)



Fonte: <https://www.eluniversal.com.mx/english/mexican-catrina-evolving-tradition/>

Durand (2012) procurou organizar seu sistema interpretativo enraizando o imaginário em esquemas sensório-motores (definidos por ele como posturais, digestivos e copulativos), o que evidencia uma abordagem multirreferenciada que considera os componentes neurobiológicos, além dos espirituais. E propõe um encadeamento de manifestações e representações que são responsáveis pela coerência de sua construção teórica, conforme listadas a seguir: O **SCHEME** – corresponde a uma tendência geral, ainda gestual, inconsciente, não simbólica, mas que expressa emoções e afetos; o **ARQUÉTIPO** - representação dos *schemes*, imagem primeira, de caráter coletivo e inato, que vem a ser o ponto de encontro entre o imaginário e os processos racionais; o **SÍMBOLO** – signo concreto que “traz à luz” um sentido ausente ou secreto, impossível de ser percebido sem seu intermédio (eles são visíveis nos rituais, nas tradições, na literatura, nas artes plásticas etc.); o **MITO** - sistema complexo formado por símbolos, arquétipos e *schemes* em uma dada cultura, que se expressa na forma de uma história e seus personagens.

De modo sintético, Rocha-Pitta (2017, p. 25), descreve como Durand se propôs a organizar esse sistema:

O objetivo inicial da tese de G. Durand era o de estabelecer uma relação de imagens colhidas em culturas diversas. Para tanto, o autor fez um levantamento de imagens em grande número de culturas, nas mitologias, nas artes, seja na literatura ou nas artes plásticas.

[...]

Uma vez levantadas as imagens, na tentativa de classificá-las o autor percebe que estas se dividem em dois grupos que se distinguem pelo seu significado fundamental. Seguindo a distinção efetuada anteriormente por outros filósofos, G. Durand reagrupa as imagens em dois “regimes”: o diurno e o noturno. Esta classificação leva em conta a existência de uma maneira de organizar, de um dinamismo, próprios a cada cultura, dinamismo esse que se

encontra na base das organizações (convergências) dos símbolos que formam as constelações de imagens.

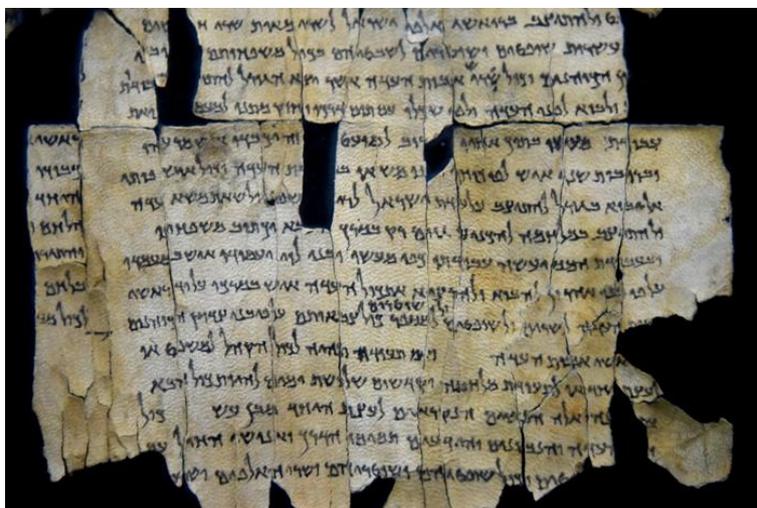
Seguindo uma lógica própria, os símbolos se reagrupam em torno de núcleos organizadores. As constelações de imagens são estruturadas por isomorfismo dos símbolos convergentes.

[...]

A constatação da existência desse isomorfismo leva a perceber certas normas de representação imaginária, bem definidas e relativamente estáveis. Estas representações agrupadas em torno de *schemes* originários, são chamadas estruturas.

As estruturas do imaginário compõem **um sistema complexo, detalhista** (Imagem 12), que Gilbert Durand expôs no livro *As estruturas antropológicas do imaginário* (Durand, 2012), lançado em 1997 e agora na 4ª edição.

**Imagem 12.** Pergaminho do Mar Morto  
28º fragmento da Caverna Qumran 1, parte.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Part\\_of\\_Dead\\_Sea\\_Scroll\\_28a\\_from\\_Qumran\\_Cave\\_1.\\_The\\_Jordan\\_Museum,\\_Amman.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Part_of_Dead_Sea_Scroll_28a_from_Qumran_Cave_1._The_Jordan_Museum,_Amman.jpg)

A fim de penetrar no imaginário e compreender os mitos que o configuram, Durand desenvolveu dois recursos metodológicos: a *mitocrítica* e a *mitanálise*. De acordo com Araújo e Almeida (2018), a quem recorro para melhor compreender os métodos, a *mitocrítica* se configura como a análise de uma obra, análise dos textos literários ou artísticos em geral; e a *mitanálise*, de modo mais completo e profundo, vai situar os resultados da *mitocrítica* em um contexto sociocultural definido, analisar os mitos que governam as sociedades. A esses dois termos Durand adicionou ainda o de *mitodologia*, para designar a especificidade do estudo do imaginário. O conhecimento da *mitodologia* durandiana é um importante instrumento para a compreensão dos mitos que circulam na atualidade e, a partir dessa compreensão, pôr em perspectiva a interpretação dos dias que correm.

As teses de Gilbert Durand, ao configurarem e organizarem o campo do Imaginário, deram a ele a teoria e a metodologia, como já procurei apontar, mas deram também aberturas para aplicações diversas, dentre as quais importam, neste estudo, suas aplicações à Educação, que pretendo estender à Educação Científica.

A pedagogia dominante na modernidade não conseguiu ensinar a condição humana. No entanto, a lógica e o imaginário formam o tecido do espírito com potência para integrar razão e imaginação com um “*objetivo instituinte prático*”, como disse Wunenburger (2007, p. 62). O Imaginário não satisfaz apenas as diretrizes de razão e sensibilidade, realiza-se também em ações: “*Imaginar é criar o mundo, é criar o universo, seja através das artes, através das ciências, ou através dos pequenos atos, profundamente significativos, do cotidiano*” (Rocha-Pitta, 2017, p. 40), assim, com este estudo, ainda em sua primeira fase, pretendo reconhecer as concepções de “Ciência” – como ainda são correntemente referidas as ciências Físicas e Naturais – que circulam entre professores da educação básica. Nessas concepções me proponho a identificar incoerências que possam ser responsáveis pelos insucessos – obstáculos epistemológicos, como disse Bachelard – como também apontar possibilidades para a promoção de uma educação científica humanizada, que supere o paradigma da modernidade e abrace a educação do sensível como forma de alcançar modos de vida mais tolerantes e responsáveis pelo “outro” e pelo ambiente. Superar os limites e descompromissos da Modernidade com tudo o que é humano é imperativo na Ciência e na Sociedade, e o Imaginário é uma poderosa ferramenta para que alcancemos um ouro mundo possível, mais solidário e mais justo. Uma expectativa que se ampara nas palavras de Bachelard (1993<sup>4</sup>, p. 25, *apud* Araújo; Araújo; Chaves, 2020):

A imaginação não é, como o sugere a etimologia, a faculdade de formar as imagens da realidade; ela é a faculdade de formar as imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. Ela é uma faculdade de sobre-humanidade. [...] A imaginação inventa mais que as coisas e os dramas, ela inventa a nova vida, ela inventa o novo espírito.

---

<sup>4</sup> Bachelard, Gaston. *L'Eau et les Rêves*. Essai sur l'imagination de la matière. Paris: Le Livre de Poche, Librairie José Corti, 1993.

#### 4. IMAGINÁRIO E CONTEMPORANEIDADE: Michel Maffesoli e os fenômenos socioculturais pós-modernos

*Sábio adágio fenomenológico (zu den Sachenselbst) que permite captar a lógica interna de um fenômeno. A sua essência íntima. É bem disto que se trata quando se fala de tribos pós-modernas. Elas estão aí, como já sinalizei várias vezes, para o melhor e para o pior.*

*A sua complexidade, o seu aspecto complicado necessita de uma complicação na abordagem. Daí a necessidade de pensar, de forma orgânica, as sucessivas sedimentações que constituem a socialidade, a saber, o sentimento de pertença, o colocar-se em rede horizontal, a simbiose de afeto, e os processos de contaminação que tudo isso faz suscitar. Eis a sua ordem ou a sua razão interna (Maffesoli, 2007, p. 101).*

As teorias de Gaston Bachelard e de Gilbert Durand acerca do imaginário nos trazem o conhecimento de que, estando os indivíduos imersos em seus ambientes sociais, as imagens que expressam uma dada realidade estarão sempre submetidas ao contexto cultural. Esse é um aspecto importante para esse estudo, haja vista o objetivo de estudar concepções de ciência de professores da educação básica enquanto manifestações culturais, o que se evidencia no cotidiano das escolas.

Prosseguir esse estudo com o sociólogo francês Michel Maffesoli (1944 - ) é o caminho natural, não apenas por ter sido ele discípulo de Gilbert Durand, mas, sobretudo, por seu modo inovador de analisar as sociedades contemporâneas. Maffesoli é um dos maiores especialistas mundiais em *pós-modernidade*, que é como ele (e outros) se referem ao tempo social em curso.

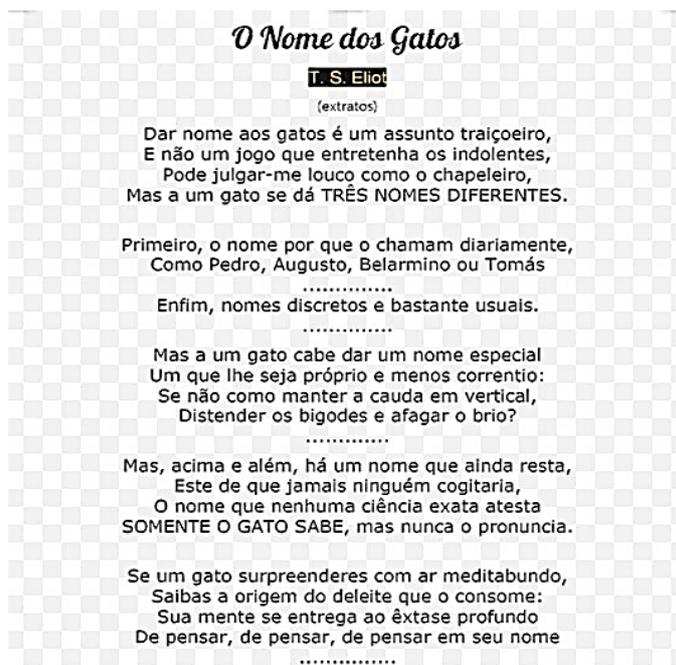
Sobre o uso desse termo (“pós-modernidade”), Maffesoli esclareceu, em entrevista ao *Fronteiras do Pensamento*<sup>5</sup>:

É sempre difícil falar em “pós-”, porque nosso esquema de pensamento é linear, ou seja, como a grande filosofia hegeliana da história. Assim, temos dificuldade de pensar que possa haver ciclos. [...] Penso que, atualmente, está terminando – desde antes dos anos 1980, já nos anos 1960 – a época moderna, que se iniciou no século XVII. **Estamos assistindo ao fim dessa época e ao nascimento de outra, a qual nós não podemos nomear hoje por não termos palavras apropriadas** (Imagem 13), então usamos o prefixo “pós-” para expressar o que vem após a modernidade (Fronteiras do Pensamento, 2015b).

---

<sup>5</sup> Projeto cultural que se propõe a debater grandes temas da atualidade. O projeto realiza e divulga, em texto e em vídeo, em canais de internet e TV, conferências, entrevistas e documentários.

**Imagem 13. *The naming of cats***  
(T. S. Eliot, 1939)

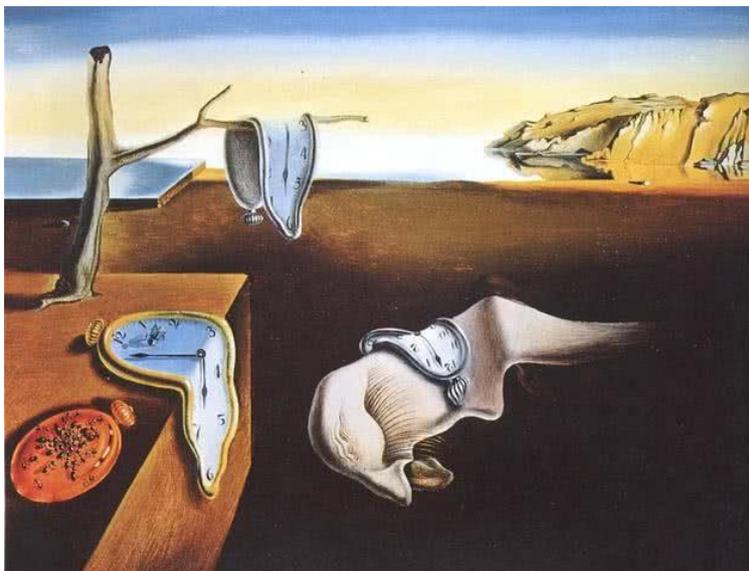


Fonte: <https://poets.org/poem/naming-cats>

Em sua sociologia, Maffesoli afirma a hipótese de que, em cada época, acentua-se um elemento da temporalidade: a característica moderna primordial é o futuro, enquanto a característica temporal principal, hoje, é o presente. A essa característica da contemporaneidade ele chama de *presenteísmo*, mas esclarece:

Este presenteísmo, é claro, corresponde a uma ambiência geral. Insisto na ideia de ambiência geral, mas **isto não quer dizer que todo mundo viva só no presente. Sempre há aqueles que pensam em função do futuro; outros, tradicionalistas, pensam em função do passado...** (Imagem 14) (Maffesoli, 2015b)

**Imagem 14. *A Persistência da Memória***  
(Salvador Dalí, 1931)



Fonte: <https://coletivolirico.com.br/uma-analise-da-obra-a-persistencia-da-memoria-de-salvador-dali/>

A concepção maffesoliana acerca da Sociologia busca romper com o modelo positivista de ciência, tem por princípios a observação do cotidiano e o tempo presente - ele chega a afirmar que fora do cotidiano “não há nada” (Maffesoli, 2011). Em sua prática científica, tem liderado estudos sobre o imaginário, apoiado, metodologicamente, na filosofia fenomenológica e na sociologia compreensiva, ambas direcionadas a substituir o tradicional discurso explicativo das ciências modernas pela elucidação de sentidos.

Maffesoli procura evidenciar que na Modernidade havia todo um conjunto de formas sociais radicalmente diferentes daquelas que a sociedade contemporânea vem conquistando. Com esse objetivo, acentua o caráter individualista e produtivista da Modernidade, seus conceitos cartesianos, claros e distintivos, e afirma que a sociedade contemporânea caminha em direção à construção de uma identidade não mais fragmentada e lugar de diferenças, mas no sentido de **formar agrupamentos unidos pela proximidade - física e virtual - ou pela comunhão de valores presentes em seus imaginários** (Imagem 15). Em síntese, a grande mudança que vivemos hoje é a passagem do indivíduo para a comunidade. É dessa constatação que surge o conceito maffesoliano de “tribos” (Maffesoli, 2001).

**Imagem 15.** *Folla*, obra em mosaico  
(Luca Barberini, 2011)



Fonte: <https://patrimonioculturale.regione.emilia-romagna.it/rubriche/a-tu-per-tu/il-respiro-del-presente>

“A realidade do tribalismo está aí, cegante, para o melhor e para o pior”, diz o sociólogo (2007b). As imagens e a imaginação circulam agora com a liberdade que o racionalismo moderno eliminou. As tribos pós-modernas florescem, justamente, graças à expansão da internet e da tecnologia. Ao longo de todo o século XIX e de boa parte do século XX o valor dado à técnica resultou na inclinação em eliminar tudo o que pudesse ser da ordem do emocional, do afetivo e das paixões. Hoje, essa mesma técnica promove o retorno dos afetos, das comunhões, abrindo-se para uma “alma multiplicada”.

No entanto, as condições objetivas da existência trazem o trágico, ocultado na Modernidade, de volta às sociedades pós-modernas (Maffesoli, 2003). Não acreditamos mais em verdades universais e em grandes causas. Já não faz sentido lutar para controlar a desordem e buscar um futuro melhor. Alastram-se as paixões cruentas e egoístas. Resta-nos a “tragédia pós-moderna”: a precariedade da existência, a fragilidade humana, a impotência do Homem diante da imposição dos fatos históricos

de força, violência e preconceito. Mas não sem reação: a intranquilidade e as incertezas despertam um sentimento de urgência em viver intensamente, aproveitar o que a vida puder oferecer. **Surge, entre as gerações mais jovens, uma inegável vitalidade, que se exprime em novas formas de solidariedade e de generosidade** (Imagem 16).

**Imagem 16.** *Capítulo 4, versículo 3.* Música.  
(Racionais MC's, 1997)



Fonte: <https://bitlybr.com/ocXH>

Para Maffesoli (2012) o vínculo social não é ligado à razão, mas ligado a um vínculo carnal que leva à ânsia de viver o instante de modo instintivo. Existimos socialmente, portanto é necessário ajustarmos nossa vivência à sociedade, repensarmos nossos mitos e fantasias – nosso imaginário - para construirmos um projeto de vida social.

A pós-modernidade invoca o retorno ao passado, busca por pertencimento a um lugar a que se pertença integralmente (Maffesoli, 2009). Mas o pertencimento não é espontâneo, esse lugar não surge (apenas) das memórias: o mundo é reconhecido pelos sujeitos por meio das imagens e dos valores criados. Compreende-se, a partir daí, que indivíduos pensam o mundo a partir de sua imaginação, de um imaginário que condensa suas raízes culturais, de suas memórias construídas por experiências que nunca tiveram – ou seja, de um arquétipo estruturado e estruturante do e pelo inconsciente coletivo (Maffesoli, 2004).

As escolas têm estruturas formais que organizam e, de certo modo, disciplinam, a prática docente. É o que já é patente, que está nos sistemas instituídos, nas condições de autoridade, normativas, códigos, padrões de comportamento, hábitos. De modo subversivo a esse ordenamento, está o imaginário. **É como um caminho que se abre para um mar de possibilidades** (Imagem 17). O imaginário está no cotidiano, no ideário, nas representações que traduzem uma cultura latente, ansiosa por ser instituinte de outras formas de ser e fazer. Esse é o sentido que pretendo dar a esse estudo: o do encontro de uma razão sensível que contribua para o “reencantamento do mundo” (Maffesoli, 2007a).

**Imagem 17.** *Portão para o mar*  
(MrDm, s.d.)



[https://br.freepik.com/fotos-premium/portao-para-o-mar\\_31109276.htm](https://br.freepik.com/fotos-premium/portao-para-o-mar_31109276.htm)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estou diante de um desafio que aceitei e procuro levar a bom termo. Não tenho dificuldades, tenho ausências – grandes vazios que exigem de mim muito, para serem superados. Minha trajetória intelectual, acadêmica, foi outra até aqui.

Comecei a ler Edgar Morin e Gaston Bachelard por impulso pessoal, por demanda de meu interesse na epistemologia das ciências, e essas leituras me trouxeram luz!

Li Morin em “A natureza da natureza”, “Ciência com consciência”, “A religião dos saberes” e em outros livros, que uso no trabalho por seu direcionamento à Educação. Li Bachelard *diurno*, em “A formação do espírito científico” e “A Filosofia do não”. E li outros autores mais, sempre impulsionada pela convicção de que o paradigma da Modernidade já não dá conta de explicar o mundo, muito menos de salvá-lo de sua trajetória autodestrutiva, e de que é preciso humanizar a Ciência e o ensino das Ciências (Ciência ainda escrita assim, em maiúscula, como costumam fazer os cientistas da natureza. Ainda estamos caminhando para a superação desse ponto de vista limitante).

Agora, tudo mudou... Leio Morin em “A humanidade da humanidade” e Bachelard *noturno*. E leio sobre o imaginário, em Gilbert Durand; sobre a pós-modernidade, em Michel Maffesoli - o mais importante autor sobre tema, assim reconhecido, internacionalmente. Não é simples. Requer esforço, requer me deslocar do prosaico para o poético (estou nômade!), mas sem abandonar a meta: meu interesse fundamental em romper com o paradigma clássico na educação científica.

Ainda preciso ouvir mais, ler mais, ler de novo.

“Novo”, essa é a palavra que melhor exprime as razões para boa parte de minha surpresa, meus não raros desconfortos diante dos estudos do imaginário.

Mas eu sigo, como Alice<sup>6</sup>:

— *Minha querida Alice, nos jardins da memória, no palácio dos sonhos, é lá que nos encontraremos.*

— *Mas o sonho nunca é realidade!*

— *E quem decidiu o que é o quê?!*

---

<sup>6</sup> Diálogo entre Alice e o Chapeleiro Maluco em “Alice Através do Espelho”, de Lewis Carroll, na versão cinematográfica roteirizada por Linda Woolverton.

## 6. BIBLIOGRAFIA

### 6.1 OBRAS CITADAS

Araújo, Alberto Filipe; Almeida, Rogério. Fundamentos metodológicos do imaginário: mitocrítica e mitanálise. *Téssera*, v. 1, n. 1, p. 18–42, 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/tessera/article/view/42944>. Acesso em 15 abr. 2024.

\_\_\_\_\_; Araújo, Joaquim Machado de; Chaves, Iduina Mont'alverne. Da "pedagogia do não" e do "cogito" do sonhador, em Gaston Bachelard: pensando uma educação para a imaginação. *Educação em Revista*, n.36, p. 1-16, 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edur/a/7QJGJBr8MXj65j3xg5qMJ3K/>. Acesso em 12 abr. 2024

\_\_\_\_\_; Baptista, Fernando Paulo (Coord.). *Variações sobre o imaginário: Domínios, teorizações, práticas hermenêuticas*. Lisboa (PT): Instituto Piaget, 2003

Bachelard, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. *A poética do devaneio*. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2018

\_\_\_\_\_. *A poética do espaço*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1978

\_\_\_\_\_. *O Ar e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001

Campbell, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990

Carvalho, José Carlos de Paula. O imaginário e o pensamento organizacional na obra de Edgar Morin: seus fundamentos antropológicos. *Rev. Fac. Educ.*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 43-89, 1987. Disponível em [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551987000100002&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551987000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 14 abr. 2024

Durand, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*. Lisboa (PT): Edições 70, 1993

\_\_\_\_\_. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 2012

*Fronteiras do Pensamento*. Michel Maffesoli e o *Homo eroticus* pós-moderno: "Voltamos ao que o racionalismo moderno eliminou". Entrevista, 2015a. Disponível em <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/michel-maffesoli-e-o-homo-eroticus-pos-moderno-voltamos-ao-que-o-racionalismo-moderno-eliminou>. Acesso em 10 abr. 2024

\_\_\_\_\_. Michel Maffesoli: "Não é mais o futuro que importa, e sim o presente". Entrevista, 2015b. Disponível em <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/michel-maffesoli-nao-e-mais-o-futuro-que-importa-e-sim-o-presente>. Acesso em 10 abr. 2024

Maffesoli, Michel. *Entrevistas com Christophe Bourseiller*. Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii, 2011

\_\_\_\_\_. *Homo Eroticus: Comunhões Emocionais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014

- \_\_\_\_\_. *Nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001
- \_\_\_\_\_. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003
- \_\_\_\_\_. *O mistério da conjunção*. Porto Alegre: Sulina, 2009
- \_\_\_\_\_. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007a
- \_\_\_\_\_. Tribalismo pós-moderno: Da identidade às identificações. *Ciências Sociais Unisinos*, V. 43, n.1, 2007b. Disponível em [https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/5652](https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/5652). Acesso em 12 abr. 2024
- Morin, Edgar. *A aventura de "O Método" e Para uma sociedade aberta*. São Paulo: Edições SESC, 2020a
- \_\_\_\_\_. *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020b
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2005a
- \_\_\_\_\_. *O Método 2 - a Vida da Vida*. Porto Alegre: Sulina, 2011b
- \_\_\_\_\_. *O Método 4 - As ideias: habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Sulina, 2011a
- \_\_\_\_\_. *O Método 5 – A humanidade da humanidade: A identidade humana*. Porto Alegre: Sulina, 2012
- Motta, Roberto. O presente e a aparência: alguns aspectos centrais do pensamento de Michel Maffesoli. *Logos*. V. 4, n.1, p. 58–64, 2015. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/14584>. Acesso em 12 abr. 2024
- Paiva, Rita. *Gaston Bachelard: a imaginação na ciência, na poética e na sociologia*. São Paulo: Annablume, 2005
- Pessanha, José Américo Motta. Bachelard, vida e obra. In: *A filosofia do não, O novo espírito científico, A poética do espaço*: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1978
- Prigogine, Ilya; Stengers, Isabelle. *A Nova Aliança: metamorfose da ciência*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; 1991
- Wunenburger, Jean-Jacques. *O imaginário*. São Paulo: Loyola, 2007

## 6.2 OBRAS CONSULTADAS

Capra, Fritjof. *O ponto de mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 2006

Chalmers, Alan. *A fabricação da Ciência*. São Paulo: Editora UNESP, 1994

Descartes, René. *Discurso do Método*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011

Koyré, Alexandre. *Estudos de História do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense, 2011

Lyotard, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013

Maffesoli, Michel. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

Morin, Edgar (org.). *A religação dos saberes: o desafio do Séc. XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

\_\_\_\_\_. *O Método 1 - A natureza da Natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2005b

\_\_\_\_\_. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

Prigogine, Ilya. *Ciência, Razão e Paixão*. São Paulo: Livraria da Física, 2009

Sagan, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

Santos, Boaventura de Souza. *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez, 2004

\_\_\_\_\_. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989

Souza, Bertulino José (org.). *Imaginário: fronteiras, desafios e múltiplos olhares*. Natal: IFRN Editora, 2009

Touraine, Alan. *Crítica da Modernidade*. Porto Alegre: Instituto Piaget, 1992

Videira, Antônio Augusto Passos. *Perspectivas contemporâneas em Filosofia da Ciência*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012

Ziman, John. *O conhecimento confiável*. Campinas, SP: Papirus, 1996



Maura Ventura Chinelli  
SIAPE 1181463